

Digressões, paráfrases e repetições na manutenção de tópicos discursivos

Carmen Lucia Milito Douran

Vanessa Hagemeyer Burgo

Flávia Monteiro do Amaral

Submetido em 11 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 5 de dezembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º n.º 52, dezembro de 2016. p. 109-129

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

23:59:59

DIGRESSÕES, PARÁFRASES E REPETIÇÕES NA MANUTENÇÃO DE TÓPICOS DISCURSIVOS

DIGRESSIONS, PARAPHRASES AND REPETITIONS FOR THE MAINTENANCE OF DISCOURSE TOPICS

Carmen Lucia Milito Douran^{1*}

Vanessa Hagemeyer Burgo^{2**}

Flávia Monteiro do Amaral^{3***4}

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar as digressões, paráfrases e repetições empregadas para a manutenção dos tópicos discursivos em uma entrevista televisiva. O aporte teórico está fundamentado nos conceitos da Análise da Conversação, e o corpus é formado de excertos de uma entrevista com o Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, exibida no programa “De frente com Gabi”, transmitida pela emissora de televisão SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Como a entrevista ocorre face a face, e parte do planejamento é local (concomitante com sua execução), esses mecanismos funcionam como importantes estratégias de interação e argumentação no texto falado.

PALAVRAS-CHAVE: Digressão; Paráfrase; Repetição; Tópico Discursivo.

ABSTRACT: This work aims to analyse the digressions, paraphrases and repetitions employed to maintain the discourse topics in a television interview. The theoretical framework is based on the concepts of Conversation Analysis, and the corpus consists of excerpts from an interview given by the Governor of São Paulo Geraldo Alckmin on the program “De frente com Gabi”, aired by SBT, a Brazilian television broadcasting channel. As the interview is face to face, and part of the planning is local (concomitant with its execution), these devices function as important interactional and argumentative strategies in the spoken text.

1 Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *campus* Três Lagoas. cadouran@yahoo.com.br

2* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *campus* Três Lagoas. vanessahburgo@hotmail.com

3**Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).
flavia_amaral@sercomtel.com.br

4 Este artigo traz um recorte da dissertação “Introdução e retomada de tópicos em entrevista televisiva”, reestruturado e delineado para alcançar o objetivo aqui proposto. Para isso, houve nova elaboração teórica de determinados conceitos pertinentes ao viés de análise escolhido, assim como a complementação e aprofundamento de alguns itens, além de reelaborações textuais.

KEYWORDS: *Digression; Paraphrase; Repetition; Discourse Topic.*

1. Introdução

Nos eventos comunicativos que emergem nas e pelas interações, o indivíduo projeta sua imagem pública e, estrategicamente, lança mão de determinados mecanismos que contribuem para exibir ou preservar aspectos positivos, socialmente valorizados e aprovados. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p.21): “a vida em sociedade aparece então como uma ‘realização contínua’, como um trabalho permanente para construir sua identidade social, para tornar inteligível o conjunto de seus comportamentos e para ser aceito como membro habilitado dessa sociedade”.

Em conformidade com Goffman (2011), estamos representando o tempo todo para plateias que se alternam e se distinguem por suas características que são intrínsecas ao contexto social, situacional e às relações sociais. Nessa perspectiva, representamos múltiplos papéis que solicitam desempenhos diferentes por parte do ator, que terá que adaptar sua encenação de acordo com o contexto e com as relações interpessoais que se formam. Dentro da família, o indivíduo representará um papel diferente daquele representado no trabalho ou num evento social, para um grupo de amigos e assim por diante. Ao desempenhar um papel, o sujeito busca obter a credibilidade do seu interlocutor e, ao mesmo tempo, tenta persuadi-lo para que valide suas proposições. Para isso, ele se vale de procedimentos verbais e não verbais que corroborem a impressão que deseja causar e contribuam para que o outro forme sua autoimagem pública positiva.

Nas entrevistas televisivas, existe uma interação tripartida em que as ações do entrevistador e entrevistado visam a construir e/ou a manter uma autoimagem positiva entre si e também para os telespectadores, os quais, implicitamente, regulam o sucesso da interação por meio da audiência. O conhecimento do contexto de produção do discurso do entrevistado e as relações estabelecidas entre os participantes da entrevista possibilitam discutir os procedimentos e as estratégias discursivas empregadas pelo entrevistador, procurando conduzir o par pergunta-resposta na sequência tópica.

Nesse sentido, procuramos evidenciar a contribuição colaborativa entre os interactantes na formação do quadro tópico, considerando os mecanismos que se configuram para delinear seus papéis sociais na construção e consolidação da autoimagem pública que querem sustentar.

Com base nos conceitos da Análise da Conversação, o *corpus* desta pesquisa é composto de excertos de uma entrevista com o governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin, no programa de televisão “De frente com Gabi”, transmitido em 30 de novembro de 2011, na emissora de televisão SBT, tendo como apresentadora e entrevistadora a jornalista Marília Gabriela. As transcrições foram realizadas conforme as convenções adotadas por Preti (2003, p. 13-14).

2. A assimetria nas entrevistas

As entrevistas não se constituem como eventos ocasionais ou que acontecem fortuitamente. Nelas, os interlocutores se encontram para falar acerca de um assunto e para alcançar propósitos definidos. Como quase sempre, o entrevistado comparece para atender a um convite, acatar um pedido, ordem ou até mesmo uma intimação; é de se

esperar que a condução do evento esteja sob a batuta do entrevistador que tem o poder de reger a situação comunicativa. Dessa forma, é o entrevistador quem propõe, questiona, sugere ou escuta; além disso, escolhe como e sobre o que quer falar. Por outro lado, temos o entrevistado que tem *algo a dizer*, detentor da palavra na produção de um discurso que justifica o objetivo da entrevista. Essas funções exercidas pelos envolvidos na troca determinam a assimetria nas entrevistas, como assevera Bueno (2002, p. 22):

A situação da entrevista configura-se de forma tal, que de um lado fica aquele que tem um certo “saber fazer” em relação à condução e que é o que propõe, pergunta, questiona, sugere ou escuta. Do outro, aquele que tanto pode ser demandado ou demandante, é o que detém informações, queixas, saberes, desconhecimentos, pedidos. É o que discorre, o que dá curso ao dizer, que produz *discurso*. Essas distintas funções determinam diferenciações de lugares, uma dissimetria, ou mais radicalmente, uma assimetria estrutural que é inerente à entrevista.

Cabe ressaltar que, dependendo do tipo de entrevista, natureza e grau de formalidade, teremos maior ou menor assimetria. Há entrevistas mais formais em que a participação do entrevistado se restringe somente em responder às perguntas, excluindo-se o direito a comentários ou opiniões, e outras mais informais que se aproximam de um bate-papo, permitindo ao entrevistado intervir e manifestar suas opiniões e, às vezes, até inverter os papéis, colocando-se no lugar do entrevistador – a assimetria, porém, é uma característica que persiste em todas elas, de acordo com a autora:

Os interlocutores colocam-se sempre em posição desigual, independentemente do tipo específico de entrevista ou da forma particular de condução. Há sempre uma certa unilateralidade, uma vez que, de um lado, está o entrevistador, seja terapeuta, pesquisador, jornalista, etc., buscando ou recebendo informações, e do outro, o entrevistado, que, respondendo ou explorando mais livremente suas questões, está igualmente sob a direção do primeiro. (p.12)

Essa afirmação se confirma na entrevista selecionada para este trabalho, embora o formato do programa seja arquitetado para amenizar a assimetria entre os falantes.

3. Tópico discursivo

Para que haja uma interação entre os participantes da conversação, é indispensável um tema ou assunto para qual a conversa possa ser orientada, que motive a prolongação do evento interacional e que se desenvolva a partir do esforço de cada um dos participantes. Esse elemento é conhecido como tópico discursivo. O tópico não apenas faz parte do texto falado, como é a partir de sua presença que os interlocutores se relacionam. Segundo Fávero (1997, p.39), o tópico é “uma atividade construída cooperativamente, isto é, há uma correspondência – pelo menos parcial – de objetivos entre os interlocutores”.

De acordo com Brown e Yule (1983, p. 73), o tópico pode ser considerado como aquilo acerca do que se fala ou se escreve. O tópico, nesse sentido, é um aglomerado coerente de pensamentos introduzidos por algum participante na conversação,

desenvolvido por ele, por outro ou por vários participantes em conjunto (CHAFE, 2003, p. 674). O tópico é, pois, uma questão de conteúdo e sua construção constitui um processo colaborativo, já que nela estão envolvidos os participantes do ato interacional.

Jubran (2015, p. 86) postula que o tópico

decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam. [...] o tópico discursivo torna-se um elemento decisivo na constituição de um texto falado, e a estruturação tópica serve como fio condutor da organização textual-interativa.

Apesar de o tópico discursivo representar uma questão basicamente de conteúdo, ele depende do processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional. Para garantir a atenção do ouvinte, o falante busca articular bem sua fala e construir seus enunciados de modo que ele (o ouvinte) identifique os elementos do tópico e estabeleça relações que colaborem em sua instauração (FÁVERO, 1997). Ao ouvinte cabe compreender, visualizar os elementos apresentados no tópico e identificar as relações entre seus referentes.

Fávero, Andrade e Aquino (2000, p. 38-39) mencionam, como prioridades do tópico, a *centração*, a *organicidade* e a *delimitação local*. A primeira concerne à propriedade do tópico pela qual os falantes têm a atenção voltada para um determinado assunto, implicando a utilização de referentes explícitos ou inferidos. Quando muda-se a centração, tem-se, necessariamente, um novo tópico. A organicidade, por sua vez, refere-se às relações (no plano vertical) entre as unidades tópicas mais gerais (supertópicos, tópicos) e as mais particulares (subtópicos) e, igualmente, à própria sequenciação entre tópicos e subtópicos.

Quadro 1 – Supertópico, Tópico e Subtópico

SUPERTÓPICO	TÓPICO	SUBTÓPICO
	TÓPICO	SUBTÓPICO

A organicidade, então, diz respeito a diferentes níveis de abrangência no desenvolvimento do tópico e define-se como a relação estabelecida entre os *subtópicos*, *tópicos* e *supertópico*. Os supertópicos representam o maior nível de abrangência, ao passo que os tópicos e os subtópicos apresentam temas mais específicos. Esses três níveis são inter-relacionados e interdependentes.

Já na delimitação local, o tópico é marcado por início, desenvolvimento e fecho. As marcas dessa delimitação podem ser elementos prosódicos (pausas, hesitação), perguntas, paráfrases, repetições, marcadores conversacionais, entre outros mecanismos.

3. 1 Continuidade e descontinuidade tópica: as digressões

Conforme exposto acima, o tópico tem limites bem definidos e que são ancorados pelas propriedades de centração (falar sobre algum assunto) e pela organicidade (cuja inter-relação se estabelece entre um tópico mais abrangente e seus segmentos, os subtópicos) que se manifesta pela interdependência que ocorre simultaneamente tanto no plano linear como no vertical.

Fávero (1997, p. 46) postula que, por meio da observação no plano linear, é possível se compreender dois fenômenos básicos que compõem a organicidade:

a continuidade – decorre de uma organização seqüencial dos tópicos, de modo que a abertura de um se dá após o fechamento do precedente. Deve-se dizer que o tópico compreende mecanismos de início, desenvolvimento e saída detectáveis por elementos verbais ou por traços supra-segmentais.

a descontinuidade – decorre de uma perturbação na seqüencialidade: um tópico é introduzido, na linha discursiva, antes de se ter esgotado o precedente que pode ou não retornar. Se não há retorno, tem-se um corte e se há, têm-se as **inserções** ou as **digressões...**

Seguindo a classificação de Dascal e Katriel (1982 *apud* Fávero, 1997, p. 51-52), a digressão, entendida como um desvio do assunto em pauta, pode ser diferenciada, como assevera autora:

- *digressão baseada no enunciado*: ocasionada por uma interferência externa, e atende a uma demanda circunstancial que ocorre durante o evento conversacional, como por exemplo: a chegada de uma pessoa, comentários sobre as horas ou sobre o clima, ruídos externos, etc. Sua interferência poderá provocar a ruptura ou a suspensão temporária do tópico em andamento.
- *digressão baseada na interação*: quando apresenta algum vínculo com o assunto em pauta. Em geral, essa digressão é introduzida pelos marcadores conversacionais: *a propósito...*; *por falar nisso...*; *já que você mencionou isso...*; *aliás...*; entre outros.
- *digressão baseada em sequências inseridas*: é inserida com o intuito de esclarecer, corrigir ou informar algum referente do enunciado anterior que não foi totalmente entendido.

Nesta pesquisa, interessam-nos, especialmente, as digressões *baseadas na interação* e em *sequências inseridas*, em função de serem recorrentes durante o evento e por se constituírem em manobras para a manutenção ou substituição de um conjunto de relevâncias tópicas por outro.

4. Os pares adjacentes e o desenvolvimento do tópico

Para que um evento conversacional se concretize, ele deve se organizar em, no mínimo, dois turnos coordenados e cooperativos. O turno, conforme Castilho (2011, p. 36), “é o segmento produzido por um falante com direito voz”. Ao longo de um evento

conversacional, os turnos se compõem em sequências que são denominadas de *pares adjacentes*.

Marcuschi (2007, p. 35) classifica os pares adjacentes (ou pares conversacionais) em:

- pergunta-resposta
- ordem-execução
- convite-aceitação/recusa
- cumprimento-cumprimento
- xingamento-defesa/revide
- acusação-defesa/justificativa
- pedido de desculpa-perdão

De acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), a tomada de turno é mais do que apenas uma propriedade definidora da atividade conversacional. O estudo de seus padrões permite descrever a variação contextual (examinando, por exemplo, a organização estrutural de turnos; como os falantes gerenciam as sequências, assim como a arquitetura dos turnos). Nesse sentido, um conceito fundamental é o que concerne aos pares adjacentes. A ideia básica é a de que os turnos vêm em pares, e a primeira parte de um par cria certas expectativas que limitam as possibilidades para a segunda.

Os autores postulam que, para que se concretize uma conversação, não basta a ocorrência de um turno, mas, no mínimo, a ocorrência de dois turnos coordenados e cooperativos, que se implicam por condições de relevâncias (relevância condicional). Isso significa que, dada a primeira parte, uma segunda é esperável; se esta ocorrer, é vista como a segunda em relação à primeira. Nesses termos, essa sequência da primeira parte somada à segunda configura-se um par conversacional, o qual é considerado, na realidade, a unidade conversacional mínima.

Par adjacente (ou par conversacional), segundo Marcuschi (2007, p. 35), “é uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação”. O referido autor menciona alguns exemplos de pares conversacionais: pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa; pedido de desculpa-perdão.

A ocorrência dos pares adjacentes forma a base para o princípio de que cada movimento em uma conversação é essencialmente uma resposta a uma fala anterior e uma antecipação do tipo de fala que virá, ou seja, na formulação de seus turnos, os falantes mostram sua compreensão do turno anterior e revelam suas expectativas acerca do próximo turno.

Na perspectiva de Goffman (1981), toda vez que as pessoas conversam, a probabilidade de usarem perguntas e respostas é bem grande. Os enunciados se realizam em diferentes pontos em uma sequência temporal. Apesar do conteúdo de suas respostas, aqueles que perguntam dependem do que está por vir; já aqueles que respondem, são orientados para o que acabou de ser dito. Observa-se que, embora uma pergunta seja projetada para receber um retorno, ela pode dar a impressão de ser dependente disso, apenas. No entanto, a resposta parece ser mais dependente ainda da pergunta, pois sozinha faz menos sentido que o enunciado que a precedeu. Nas palavras

do pesquisador (p. 5), “seja o que for que as respostas façam, elas devem fazê-lo com algo já iniciado” (tradução nossa)⁵.

Ainda segundo o autor, “em perguntas e respostas, temos um exemplo, talvez o canônico, do que Harvey Sacks chamou de ‘primeira parte do par’ e ‘segunda parte do par’, isto é, um dístico (estrofe de dois versos), uma unidade dialógica mínima” (tradução nossa)⁶. Trata-se de dois enunciados completos, cada um temporal e diretamente seguido do outro; em suma, um exemplo de “par adjacente”. A primeira parte do par estabelece uma “relevância condicional” em tudo o que ocorre na abertura que segue, ou seja, o que for dito será examinado se servirá como resposta e, se nada for dito, o silêncio resultante será percebido como algum sentido pretendido. (p. 6)

Na concepção de Castilho (2011, p. 44), “os pares adjacentes são dois turnos emparelhados.” Os pares mais comuns são “saudação/saudação”, “pergunta/resposta”, “reclamação/pedido de desculpas”, advertência/aceitação ou recusa da advertência”. O autor assevera que:

Por vezes, dá-se aqui o fenômeno da ‘preferência’, quando a determinado estímulo verbal de L1, L2 corresponde com um ato de fala culturalmente esperado, e por isso mesmo estruturalmente não marcado, ou da ‘despreferência’, quando a esse estímulo corresponde-se com um ato evasivo, negativo, inesperado, e por isso mesmo estruturalmente marcado. Um exemplo disso é responder a uma pergunta com outra pergunta [...] ou, então, quando a resposta é muito mais uma réplica do que qualquer outra coisa. (p.44-45)

O termo “preferência”, como afirma Marcuschi (2007, p. 49-50), “foi desenvolvido por Sacks e Schegloff para descrever as diferenças características entre as diversas maneiras de os falantes realizarem ações alternativas não equivalentes.” Dessa forma, é mais frequente que se espere, no caso de propostas e convites, uma preferência do interlocutor pela aceitação do que pela negação, diferentemente de casos de insulto e ofensa, em que, normalmente, há a despreferência por tal ação. Em casos de elogios, a despreferência parece ser a escolha mais habitual, já que é comum eles serem evitados, pelo menos em público.

É importante salientar que “a preferência ou despreferência de ações é social e culturalmente determinada”. Em nossa cultura, é bem provável a despreferência em situações de ofertas, como, por exemplo, em convites para almoço quando se chega à casa de alguém no horário das refeições. Espera-se uma resposta do tipo “obrigado, eu já almocei” e não a aceitação imediata, pois isso poderia ser visto como um traço de impolidez. “Não é bem uma questão de sinceridade ou não dos atos, mas uma oportunidade para negociações, pois é costume que a oferta seja repetida, assumindo a aceitação, após várias insistências, outra qualidade” (p. 50-51). Assim, o esquema seria: oferta-recusa-insistência-recusa/aceitação.

Yule (1996, p. 78-79) afirma que a primeira parte do par que contém um pedido ou uma oferta, é normalmente realizada, na expectativa de que de a segunda parte irá

5 “whatever answers do, they must do this with something already begun”.

6 “in questions and answers we have one example, perhaps the canonical one, of what Harvey Sacks has called a ‘first pair part’ and a ‘second pair part’, that is, a couplet, a minimal dialogic unit”.

aceitá-los. Uma aceitação é mais provável que a recusa e, essa probabilidade estrutural é chamada de *preferência*. O termo é empregado “para indicar um modelo de estrutura socialmente determinado, e não se refere a nenhum desejo mental ou emocional do indivíduo. Nesse uso técnico da palavra, a preferência é um modelo observado na conversação, e não no desejo pessoal” (tradução nossa)⁷. A despreferência é a reação inesperada a certas situações, como no caso de um convite, por exemplo; geralmente ele é seguido de um aceite, que seria a preferência, e a recusa seria a despreferência. Urbano et al. (1996, p.76) expõem que a diferença fundamental entre Perguntas e Respostas está relacionada “ao fato de que as primeiras impõem restrições ilocucionárias e discursivas às segundas, indicando se uma possível Resposta é adequada ou não, enquanto as Respostas indicam somente que certas condições foram satisfeitas.” Normalmente, há dois tipos de pares adjacentes pergunta/resposta:

a) Perguntas *fechadas* ou de confirmação/negação, isto é, perguntas de *sim* ou *não*, cuja informação é trazida na pergunta, e não na resposta. A interrogação incide sobre todo o enunciado.

Exemplo 1) A: __ Há um lugar específico para as bailarinas se trocarem?

B: __ sim.

Apesar de se esperar uma resposta de *sim* ou *não*, podem ocorrer outros elementos com o mesmo significado:

Exemplo 2) A: __ Você pode comer qualquer tipo de fruta?

B: __ Ah qualquer tipo...

b) Perguntas *abertas* ou de busca de informação nova, em que a informação vem na resposta. As perguntas são iniciadas, geralmente, por marcadores ou pronomes interrogativos “*onde, quando, quem, de quem, que, como, que etc.*”, seguidos de Respostas cujos termos estejam diretamente correlacionados com a circunstância indicada pelo marcador interrogativo” (p. 78). A interrogação incide sobre um elemento do enunciado.

Exemplo 3) A: __ Quando aconteceu isto?

B: __ Ontem.

Esse fato, no entanto, nem sempre acontece:

Exemplo 4) A: __ Quando aconteceu isto?

B: __ Na escola.

Isso ocorre porque as pessoas fazem interpretações por meio da recuperação de elementos elípticos, como no exemplo acima (aconteceu isto quando estava na escola).

Sendo os marcadores interrogativos esvaziados de sentido, funcionam como catafóricos. São elementos semanticamente vazios em busca de preenchimento, o qual é “esperado na Resposta por meio de informação nova” (p.78).

⁷ “to indicate a socially determined structural pattern and does not refer to any individual’s mental or emotional desires. In this technical use of the word, preference is an observed pattern in talk and not a personal wish”.

Exemplo 5) A: __ *Onde* está Pedro?

B: __ Ele está *em casa*.

Castilho (2011, p.46) comenta:

A observação dos pares adjacentes aponta para uma sorte de “subordinação pragmática”, pois a ocorrência de um turno-pergunta obriga a que ocorra um turno-resposta, que depende do primeiro. Não há, como no domínio da Sintaxe, conectivos ou outros dispositivos formais que assinalem a subordinação, mas a relação de dependência ainda que firmada no domínio da interação, está aí presente, e isso não pode deixar de ser notado.

Fávero, Andrade e Aquino (1996, 2000) salientam que Pergunta (P) e Resposta (R) não funcionam de maneira aleatória, são estratégias empregadas pelos falantes para:

Quadro 2 – Perguntas e respostas: estratégias utilizadas pelo falante

1) Introdução de Tópico
Ao iniciarem a conversação, é comum que os falantes o façam utilizando-se de uma P. Além disso, ocorrem Ps também quando se introduzem novos supertópicos. Para introduzir o supertópico “Família”, L2 usa uma pergunta: L2: a sua família é grande? L1: nós somos:: seis filhos
2) Continuidade de Tópico
As Ps e Rs também são utilizadas pelos interlocutores para dar prosseguimento ao tópico. No exemplo abaixo, em que se desenvolvia o tópico “Viagens de trem”, tem-se um tipo de P lançada pelo Doc para dar continuidade ao subtópico iniciado na l.8: Doc E fora daqui vocês já viajaram de trem? (l.8) Doc Quanto tempo durou? Você dormiu alguma noite no trem? (l.24) L2 Ah, eu dormi no trem e cheguei em Lake Placid eram de manhãzinha (...)
3) Redirecionamento de Tópico
Dada a propriedade da recursividade, verifica-se que o tópico pode agir prospectiva e retroativamente. Deste modo, ao perceber que houve um desvio do tópico, o interlocutor pode, muitas vezes, redirecioná-lo por meio de uma P, reintroduzindo o tópico original. No exemplo a seguir, os falantes desenvolviam o tópico “Compras”. Ao perceber um desvio do tópico, para “Controle de preço do café”, L2 o redireciona por meio de uma P: L2 mas o que você ia falar de compra? L1 gozado nós não costumamos fazer muita compra não... não sou do tipo de... L2 eu até que compro bastante coisa eu acho
4) Mudança de Tópico

Por esgotamento do assunto ou por não querer mais falar sobre aquele tópico, observa-se a possibilidade de ocorrência de uma P, funcionando como elemento de mudança de tópico. Essa mudança pode ser local (mudança no nível do subtópico) ou global (mudança no supertópico). No exemplo abaixo, são apresentados dois supertópicos: “Família” e “Profissão”. A mudança do primeiro para o segundo ocorre com uma P de L2, observando-se, assim, uma mudança global:
 L2 você... chegou a trabalhar e depois deixar de trabalhar por causa dis/de:: /
 L1 eu trabalhei s::ó no início...

Adaptado de Fávero, Andrade e Aquino (1996, p. 484-489; 2000, p. 50-53)

Alguns pares possuem características que sugerem expectativas de ordem e transições prováveis, encadeando as ações prospectivas como é o caso do *par pergunta-resposta*. Ao fazer uma pergunta, o interlocutor seleciona quem irá responder e, ao mesmo tempo, se escolhe como provável candidato ao próximo turno. No *corpus* desta pesquisa, o *par pergunta-resposta* se fará presente de forma predominante e as perguntas assumirão papel fundamental para o monitoramento do quadro tópico, já que concorrem para a introdução, retomada e mudança do tópico discursivo.

5. Paráfrases

As paráfrases são enunciados reformuladores que retomam um enunciado anterior, exercendo as funções de explicar, generalizar, especificar, resumir, entre outras. Segundo Fávero, Andrade, Aquino (2000, p. 60):

A paráfrase exerce inúmeras funções, como a de contribuir para a coesão do texto, enquanto articuladora de informações novas e antigas, mas sua função principal é a de garantir a intercompreensão, e difere das demais atividades de formulação como, por exemplo, a repetição pela criatividade em contraste com o automatismo desta última.

Com o intuito de identificar a delimitação tópica, focalizamos, neste trabalho, as paráfrases que assumem a função de sinalizar o fim de um tópico, assim como as que possibilitam a manutenção na centração tópica. No fechamento do tópico, elas podem aparecer no final da exposição dos argumentos apresentados para expressar uma posição avaliativa resumidora, como observa Jubran (2015, p. 108): “nessa função, elas tendem a retomar o conteúdo anteriormente expresso no segmento tópico, de modo geralmente resumido, indicando a completude do tópico”.

As paráfrases que indicam a intenção do falante em fechar um tópico são assinaladas, em geral, pela anteposição dos marcadores *enfim*, *quer dizer* ou por marcadores multimodais, isto é, que ao mesmo tempo dão indícios de fechamento de tópico e buscam a aprovação do ouvinte *não é?*, *né?*, *sabe?*

Na manutenção de um tópico, as paráfrases retomam o enunciado, estabelecendo com este um grau de equivalência semântica cuja interpretabilidade depende muito mais do momento do desenvolvimento da interação e dos conhecimentos partilhados entre os interlocutores do que simplesmente pela relação que se estabelece entre as estruturas proposicionais do enunciado matriz e a paráfrase. Na visão de Hilgert (2006, p. 290), “o que há entre eles é um grau de equivalência, o qual pode estender-se

de uma equivalência forte a uma equivalência fraca”. Em qualquer caso, toda paráfrase determina uma progressão textual, gerando novos sentidos.

6. Repetições

As repetições (Rs) podem ser motivadas por fatores de ordem interacional, cognitiva, textual, e são muito presentes nas atividades de construção do texto falado. Marcuschi (2006, p. 219) evidencia que “na fala, em que nada se apaga, a repetição faz parte do processo formulativo. Sua presença na superfície do texto falado é alta, constatando-se que, a cada cinco palavras, em média, uma é repetida”.

Em consonância com o autor: “pode-se dizer a repetição é a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. O pesquisador afirma que (p. 221-222):

- a) a expressão *segmento textual* designa qualquer produção linguística de um texto oral, seja ele um segmento fonológico, uma unidade lexical, um sintagma (um constituinte suboracional ou uma oração);
- b) o termo *idêntico* refere uma repetição, em que o segmento referido é realizado sem variação em sua relação com a primeira entrada; seria a repetição exata;
- c) o termo *semelhante* aponta para a produção de um segmento com variação, seja no item lexical ou na estrutura (ou parte dela), incluindo-se aí a variação prosódica;
- d) a expressão *evento comunicativo* designa uma unidade de interação desde seu início até o final. Essa especificação faz com que a repetição seja observada no âmbito do mesmo evento comunicativo como condição necessária para consideração.

No que tange à produção, os segmentos repetidos distinguem-se entre autorrepetições (o próprio falante produz) e heterorrepetições (o interlocutor repete algum segmento dito pelo locutor). Em relação à disposição das Rs no quadro tópico, elas podem ser adjacentes (contíguas ou próximas a matriz) ou estarem distantes (em tópicos diferentes).

As Rs assumem um conjunto variado de funções, dentre elas, salientam-se a de promover a organização do discurso, a coerência textual e a organização tópica. Na função de organização tópica, nosso interesse, nesta pesquisa, é analisar as repetições que visam a introduzir, a retomar, a delimitar e a manter os tópicos discursivos.

A R é empregada no início do turno conversacional para marcar a introdução de um novo tópico que será desenvolvido na sequência. Na reintrodução, a R exerce o papel de promover a retomada do tópico em pauta após a interrupção causada pela inserção de um tópico discursivo, entremeando outro que estava sendo desenvolvido. Já na delimitação, a R pode encerrar um tópico pontuando seu esgotamento pela redundância das informações, e na manutenção do tópico, a R assume a importante função de evidenciar a centração no quadro tópico, na medida em que os falantes retomam o seu referente central.

7. Análise e discussão dos dados

No programa “De frente com Gabi”, temos um cenário preparado para favorecer um clima mais espontâneo. A proximidade física dos interlocutores (eles permanecem sentados em lados opostos a uma mesa de material transparente), assim como os comportamentos linguísticos e paralinguísticos adotados pela entrevistadora seduzem o convidado de forma a envolvê-lo em um clima descontraído, amigável e consensual, permitindo a abordagem de tópicos mais polêmicos ou de caráter mais intimista.

Esse contexto, criado para o acontecimento midiático, voltado para a informalidade e para a descontração tende, em parte, a minimizar o desequilíbrio na representação dos papéis conversacionais, assegurando uma interação mais simétrica, na qual, supostamente, os interlocutores possuem direitos iguais para dirigir o evento. Por meio dos exemplos, o que observamos é um jogo de forças que se contrapõem entre o lugar de poder representado pelo papel conversacional exercido pela entrevistadora e o lugar de poder representado pelo papel social que ocupa o convidado, considerando sua identidade, a saber: a do Governador do Estado de São Paulo (o estado com o maior PIB, representando grande parte do total de riquezas produzidas no país). Nesse sentindo, procuramos discutir as marcas presentes nas falas da entrevistadora e do entrevistado que evidenciam as estratégias empregadas na condução dos tópicos discursivos.

Excerto 1

Entrevistadora ((dirigindo-se aos telespectadores)) aLÔ:: eu to de frente hoje com o político mais conhecido de São Paulo um homem que tem cadeia quase cativa no palácio dos Bandeirantes... Geraldo Alckmin está governador do estado mais rico da federação pela terceira vez e já tem gente sussurrando que em 2016 ele vai se candidatar de novo... membro ativo do PSDB... Alckmin é paulista de Pindamonhangaba formou-se médico em Taubaté e entrou na política pela porta da câmara municipal de sua cidade natal onde se elegeu vereador quase quarenta anos atrás... depois foi prefeito... deputado estadual... deputado federal... vice-governador... governador e em dois e seis enfrentou Lula na eleição presidencial e foi derrotado no segundo turno... seu grande desafio político atual é eleger o prefeito da capital paulista do ano que vem::... uma tarefa nada fácil num partido que tem dificuldades em se manter unido... o governador vem ao nosso programa falar de sua administração... da oposição ao governo Dilma:: Roussef e daquilo que os políticos mais gostam o futuro... mas vou começar pelo PRESENTE... ouVI DIZER ((risos)) you tomar a liberdade:: governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?

Entrevistado ((risos)) não imagina... primeiro uma alegria revê-la cumprimentá-la... a política antiga... ah:: Gabi... ela era muito discursiva:: cheia de retórica... né::? de arroubos... de lutas... hoje a política moderna... eu acho que é:: o que que a população quer? honestidade... eficiência... resultado... *low profile*... né?... o governo bom é governo que não tá dando espetáculo... é governo que trabalha pra população que melhora a vida das pessoas

Entrevistadora mas por que que o senhor tá me dizendo isso?

Entrevistado tô dizendo por causa do chuchu

((risos))

Entrevistadora chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora:... é verdade... não?

Primeiramente, é oportuno salientar que a expressão modalizadora “*vou tomar a liberdade*” assume a função de expressar um certo comedimento da entrevistadora em tomar a iniciativa para adentrar no tópico relativo aos comentários oriundos do povo acerca do atual apelido do convidado (picolé de chuchu), assim como exerce a função de expressar ao público que ela está sendo polida com o governador, avisando-lhe de que vai tomar a liberdade, ou seja, está antecipando que tomará uma atitude mais invasiva. O excesso de pausas e alongamentos nesse segmento também contribui para reforçar sua preocupação em introduzir uma pergunta cujo direcionamento aponta para um tópico de natureza mais intrusiva.

Observamos, também, o emprego de repetições com função de monitoramento tópico. Há a ocorrência de cinco repetições do mesmo item lexical “chuchu” que se alternam nas falas dos interlocutores (heterorrepetições). No início, a entrevistadora repete o item lexical “chuchu” para marcar a introdução do tópico discursivo “apelido do entrevistado” por meio da pergunta que assume o caráter de confirmação: “*ouVI DIZER ((risos)) vou tomar a liberdade:: governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?*”. Seguem-se, na resposta do entrevistado, considerações dispersivas acerca da política antiga em contraste com a política moderna, as quais apresentam pouca centração com o tópico “apelido do entrevistado”, já que o enunciado apresentou pouca relevância com o tópico proposto.

Percebendo o desvio do tópico na resposta de Alckmin, Marília Gabriela faz uma pergunta com pedido de esclarecimento na tentativa de redirecionar a entrevista para o tópico proposto (*mas por que que o senhor tá me dizendo isso?*). Em seguida, ela retoma o tópico, repetindo o mesmo item lexical “chuchu” para justificar que sua resposta havia atendido ao tópico proposto por Alckmin “*tô dizendo por causa do chuchu*”. Evidenciamos, em seguida, os risos dos interlocutores, os quais sugerem que a resposta dada não foi de fato a esperada e, no turno subsequente, a entrevistadora articula a manutenção do tópico repetindo por três vezes o mesmo item lexical: “*chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora:... é verdade... não?*”.

Além das repetições, salientamos, nesse exemplo, o uso de digressões baseadas em sequências inseridas. As digressões assumem a função de elucidar enunciados que não foram bem compreendidos, por esse motivo, são sempre inseridas pelo interlocutor na condição de ouvinte. Nesse caso, a digressão ocorre por meio de elementos linguísticos, e paralinguísticos (risos). A entrevistadora quer saber a razão pela qual a mídia teria acrescentado o complemento “*com pimenta*” ao apelido “*chuchu*”, que fora atribuído ao entrevistado anteriormente. Percebendo que ele rejeita o tópico proposto e desenvolve, na resposta, o tópico “política”, ela introduz a pergunta “*mas por que o senhor tá me dizendo isso?*”. Essa pergunta é introduzida por meio do marcador discursivo⁸ “*mas*” que, no caso, assume a função de retomar o tópico anterior e

8 De acordo com Burgo, Storto e Galembeck (2013, p. 289), os marcadores discursivos são “elementos independentes sintaticamente do verbo, são formados por um ou mais itens ou expressões lexicais. Eles contribuem para o monitoramento da conversação e para a organização

demonstrar contrariedade em relação ao conteúdo desenvolvido na resposta do entrevistado. Na sequência, ele se justifica, porém, a entrevistadora, percebendo a manobra evasiva ao tópico em pauta (o que também é sugerido pelos risos), retoma o tópico logo a seguir. Essas falas subsequentes que aparecem grifadas constituem-se em uma sequência inserida que, momentaneamente, provoca a suspensão do fluxo temático em pauta com o propósito de corrigir a rota e reintroduzir o tópico original.

Excerto 2

Entrevistadora aliás tá/tá magro... tá elegante... tá impressionante... mas eu falei na abertura que o PSDB era um partido complicado... hoje... éh::: sai no Estadão uma declaração do Fernando Henrique Cardoso em visita à capital Argentina... ele diz que é mais fácil falar o futuro do Euro do que do PSDB e::: éh::: o futuro do PSDB seria mais incerto do que essa moeda que tá passando por solavancos incríveis... o que é que o senhor diz disso?

Entrevistado olha Gabi ah::: o PSDB é um bom partido né::: ahn::: no Brasil mudou o país... aliás com o presidente Fernando Henrique com o real com a estabilidade da moeda... São Paulo... nós estamos no quinto mandato Tucano ah::: com o Mário Covas... com o Serra... então bom partido bem preparados... o problema é que o Brasil tem trinta partidos... isso vai destruir a política brasileira... não tem nenhum lugar do mundo que se tenha trinta partidos a caminho de ter trinta e um trinta e dois trinta e três... e cada um quer criado... dinheiro público na veia... né::: recursos públicos nos impostos... então é evidente que nenhum partido no Brasil... ah::: tem solidez... se te mais uma cultura de personalismo do que uma cultura de partidos programáticos com ideário por isso que nós defendemos uma reforma política pra gente ter três ou quatro grandes partidos com fidelidade com propostas porque os políticos passam né? mas os partidos éh::: permanecem com seu ideário... agora o Fernando Henrique tem razão no seguinte sentido... a política é imprevisibilidade mesmo... quem é que pode prever eleição de dois mil e doze... dois mil e catorze... dois mil e dezesseis mas eu acho que o PSDB é um partido sólido... oito governadores o partido que mais tem governadores em todas as regiões do Brasil do Sul o Paraná... São Paulo e Minas no sudeste::: Goiás no centro-oeste:::.... Alagoas no nordeste:::.... são partidos sólidos partidos de bons quadros ah:::....mas um quadro de excesso de partidos de multipartidarismo

O fragmento acima é outro exemplo do uso de repetições com função de monitoramento tópico. A entrevistadora retoma o tópico “o futuro do PSDB” (partido político do entrevistado), introduzido no início da entrevista, fazendo a seguinte asserção “*mas eu falei na abertura que o PSDB era um partido complicado...*”. A seguir, ela repete o lexema “PSDB” na digressão “*hoje... éh::: sai no Estadão uma declaração do Fernando Henrique Cardoso em visita à capital Argentina... ele diz que é mais fácil falar o futuro do Euro do que do PSDB*”, que é empregada com a intenção de confirmar suas considerações e o repete, novamente, numa manobra de manutenção tópica na “pergunta aberta” “*e::: éh::: o futuro do PSDB seria mais incerto do que essa moeda que tá passando por solavancos incríveis... o que é que o senhor diz disso?*”.

do texto falado. Além disso, apresentam caráter multifuncional, porque podem operar como organizadores e/ou articuladores textuais, indicadores de força ilocutória do discurso, planejadores verbais, atenuadores, dentre outras funções”.

Na resposta, o entrevistado repete o lexema “PSDB” por duas vezes: a primeira está vinculada à manutenção tópica, pois indica receptividade do interlocutor em desenvolver o tópico e, a segunda, está mais voltada ao plano da argumentatividade, já que reafirma as considerações positivas apresentadas por ele em relação ao partido.

Em conformidade com Hilgert (2006, p. 298), “a atividade de parafrasear é uma das estratégias mais recorrentes e evidentes na progressão do texto falado”. Verificamos, no *corpus*, que essa afirmação procede, no entanto, as paráfrases mais recorrentes foram as que ocuparam a função principal de assegurar a intercompreensão entre os interlocutores. De acordo com a nossa proposta de análise, extraímos dois exemplos de paráfrases (excertos 1 e 2) que assumiram a função de organizar a macroestrutura de um tópico.

O excerto (3), a seguir, é um exemplo de fechamento de tópico com o recurso da paráfrase. Observamos que o entrevistado não demonstra interesse em desenvolver o tópico proposto pela entrevistadora, utilizando, então, uma paráfrase resumidora que visa a fechar o tópico.

Excerto 3

Entrevistadora ((risos)) então eu aqui na minha ansiedade antes de terminar esse bloco queria colocar uma pergunta e eu JURO que não tem maldade por trás só uma grande ignorância... éh::: falando ainda em eleição municipal né::: o PT ao que tudo indica tá se encaminhando pra ter como candidato o ministro da educação Fernando Haddad... eu gostaria de saber do senhor e eu JURO que é uma curiosidade genuína éh::: o senhor que entende o raciocínio político qual é o que existe por trás dessa candidatura?... porque eu num::: hum::: não consigo entender

Entrevistado olha... aí é uma decisão do PT o que que eu observo assim

Entrevistadora [ou do Lula?

Entrevistado pode ser mas que que eu observo de longe... o PT sempre teve o critério de éh::: escolha muito debatida internamente... vou dá um exemplo se dependesse da cultura do PT lá em Fortaleza no Ceará a atual prefeita num teria sido candidato porque a cúpula do PT queria que apoiasse o senador Inácio Arruda e que o PT não tivesse candidato ela foi se inscreveu participou da primária ganhou da convenção e ganhou a eleição foi prefeita e foi reeleita

Entrevistadora humm

Entrevistado então o PT tinha sempre essa... esse debate interno esse processo interno... no caso aqui de São Paulo não fez né::: é nítido que a senadora Marta Suplicy foi atropelada nesse... éh::: nesse processo... mas enfim esse é um tema do PT cabe a eles explicar

A conversação vinha sendo pautada no tópico “eleições para a prefeitura de São Paulo” que é retomado na fala da entrevistadora pelo segmento (*falando ainda em eleição municipal né:::*). Na sequência, ela introduz o subtópico “candidatura de Fernando Haddad, do PT, à prefeitura de São Paulo” com a pergunta: “o PT ao que tudo indica tá se encaminhando pra ter como candidato o ministro da educação Fernando Haddad... eu gostaria de saber do senhor e eu JURO que é uma curiosidade genuína

éh:: o senhor que entende o raciocínio político qual é o que existe por trás dessa candidatura?”. Por meio do marcador discursivo *olha*, seguido de pausa, o entrevistado tenta adiar sua resposta e, em seguida, procura desviar-se do tópico com a afirmação *“aí é uma decisão do PT”*.

No trecho *“que eu observo assim”*, o entrevistado esclarece que sua resposta deriva de uma posição pessoal. A entrevistadora, então, introduz um novo subtópico com a inclusão da pergunta *“ou do Lula?”*, insinuando, assim, que a escolha dos candidatos estaria centralizada nas preferências do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula). O entrevistado dá prosseguimento ao subtópico “preferências de Lula”, afirmando que a seleção dos candidatos do PT é feita em meio a debates internos do partido.

No final do excerto, o entrevistado introduz a sequência de três paráfrases *“esse debate interno, esse processo interno e mas enfim esse é um tema do PT”*, que mantém equivalência semântica com o enunciado *“escolha muito debatida internamente..”* em sua fala anterior, sendo que a última anuncia o fechamento do tópico pelos marcadores discursivos *“mas enfim”*.

Excerto 4

Entrevistadora vou voltar pra... pra segurança... seus vizinhos de Morumbi fizeram uma PASSEATA protestando contra os assaltos cometidos no bairro... dá pra dizer que a polícia não tá conseguindo acompanhar a ousadia dos ladrões? Aliás eu tenho uns números éh... governador... trinta e oito por cento da população carcerária do Brasil ou CENTO e setenta e seis MIL presos estão em São Paulo o estado tem ao mesmo tempo cento e QUARENTA mil policiais éh é isso mesmo? esse é o número nessa nessa conta mocinho bandido? Essa diferença é razoável? Não deveria ser ao contrário não?

Entrevistado olha... isso mostra Gabi duas coisas primeiro cento e quarenta... exatamente... teu número tá correto... cento e quarenta mil policiais... cem mil da polícia militar... trinta e cinco mil da civil e cinco mil da científica... cento e quarenta mil é o triplo da marinha é dobro da aeronáutica daqui a pouco é maior que o exército brasileiro então nenhum/ninguém tem uma força policial com cento e QUARENTA mil homens e mulheres na ativa trabalhando vinte e quatro horas... a população carcerária mostra que São Paulo prende aqui não passa a mão na cabeça de bandido nós temos vinte e dois por cento da população brasileira e quase quarenta por cento dos presos... aliás nós vamos fechar o ano com cento e oitenta mil... é direto... vinte e quatro horas tirando criminoso da rua por isso que reduziu de treze mil homicídios pra menos de quatro mil... este ano nós vamos fechar com três mil e novecentos... agora cê tem muito roubo voltado aí à questão da droga né? quer dizer o sujeito rouba pra/por causa de droga ahn:: outros até não é droga então de um lado é polícia de outro lado é saúde pública e questão social cê também tem políticas sociais a a polícia no mundo inteiro ela é municipal se cê for nos Estados Unidos se for na Europa então ela tem que agir no território... por exemplo... o bairro bem ILUMINADO... é importante alguns bares você ter ali uma ação de de de de limite em relação a alguns bair/éh éh bares... limpeza pública... ur-ba-ni-za-ção... avenidas entrar polícia

Entrevistadora o senhor tá falando de medidas municipais

Entrevistado Eu tô falando que o planejamento urbano cê pegar uma cidade com bom planejamento urbano... ela tem menor/melhores índices de segurança do que

uma cidade com mal planejamento urbano então... além do emprego... além também de medidas de natureza social isso é importante

O fragmento acima é um exemplo de manutenção do tópico com o recurso da paráfrase. Nessa sequência, a entrevistadora introduz o tópico “segurança”, por meio de perguntas provocativas, as quais operam argumentos que revelam uma segurança insuficiente em relação ao número de policiais no combate à criminalidade. O entrevistado desenvolve o tópico apresentando argumentos que atestam ao contrário e, ao final de sua fala, introduz o subtópico “políticas sociais municipais” com o enunciado *“cê também tem políticas sociais a a polícia no mundo inteiro ela é municipal se cê for nos Estados Unidos se for na Europa então ela tem que agir no território... por exemplo... o bairro bem ILUMINADO... é importante alguns bares você ter ali uma ação de de de de limite em relação a alguns bair/éh éh bares... limpeza pública... ur-ba-ni-za-ção... avenidas entrar polícia”*. A introdução desse novo subtópico oportuniza a proposição de novos argumentos em favor de sua tese. Além disso, ao afirmar que a segurança depende de políticas municipais, ele acaba diluindo o peso da responsabilidade que possa recair sobre a figura do governador.

Em seguida, há o encadeamento de duas paráfrases. A primeira, na fala da entrevistadora (*o senhor tá falando de medidas municipais*), assume a função de confirmar o novo tópico proposto pelo entrevistado. A segunda, na fala de Alckmin (*Eu tô falando que o planejamento urbano*), confirma a temática e, ao mesmo tempo, dá margem à proposição de novos enunciados que confirmam sua argumentação.

Excerto 5

Entrevistadora vamos... ah:: ok eu eu eu entendi tudo eu to considerando todo esse currículo brilhante mas SÃO PAULO pra::: um::: homem de trinta e um ANOS num/não é meio assustador?

Entrevistado olha... eu fui prefeito com vinte e quatro anos de idade e o que que se dizia? é muito criança... é muito criança... eu até lembrava dizendo o seguinte olha pouca idade é um mal que o tempo cura né::: ((risos)) cura muito rápido e isso que é ruim

O exemplo acima é um caso de digressão baseada na interação. A entrevistadora, ao fazer menção à idade (ela se refere ao candidato Bruno Covas), coloca em dúvida a candidatura de um homem jovem para a prefeitura de São Paulo, considerada por ela pouco apropriada para o cargo de prefeito, mormente em se tratando da cidade São Paulo. Respondendo à pergunta, o entrevistado argumenta contrariamente, relatando sua experiência como prefeito aos 24 anos. Na continuidade, ele lança uma pergunta retórica *“e o que que se dizia?”*, a qual desencadeia duas digressões que cumprem o papel de respaldar seus argumentos. A primeira está relacionada à “voz do povo” que, à época da sua candidatura, fazia uma avaliação negativa em relação à sua idade: *“é muito criança é muito criança”*, e a segunda seria uma espécie de resposta ao povo, pois faz uma reflexão acerca da efemeridade do tempo: *“eu até lembrava dizendo o seguinte olha pouca idade é um mal que o tempo cura né::: ((risos)) cura muito rápido e isso que é ruim”*.

Os excertos (06) e (07), a seguir, também ocorrem digressões baseadas na interação:

Excerto 6

Entrevistado há uma tolerância

[
Entrevistadora há uma tolerância... há uma tolerância e as pessoas bebem socialmente bebem em CASA na frente de todo MUNdo:: a comemoração e aí vêm as crianças de de de não sei como lembro nem lembro mais como é que fala... eu tô péssima ultimamente pras expressões pros ditados... as crianças vêm né? Vêm junto como é/o que que o senhor pretende com isso?

Entrevistado aliás aliás o:: Gabi ahn antigamente o adolescente ele começava a beber com dezesseis dezessete anos hoje é com treze anos

No exemplo acima, a entrevistadora comenta a tolerância da sociedade ao consumo de bebidas alcoólicas dentro de casa e o problema que isso acarreta para as crianças. O entrevistado, então, introduz uma digressão iniciada pelo marcador discursivo *aliás*, e incorpora uma nova informação: a idade em que os adolescentes começam a consumir álcool atualmente.

Excerto 7

Entrevistadora tamo falando São Paulo... tamó falando:: olha inclusive ontem tava no radar on-line da Veja uma ah:: vamos dizer... Aluísio Nunes traduzindo o que o Serra éh::... disse quando defendeu uma aliança com PSD do Gilberto Kassab e Guilherme Afif... que pra ele Aluísio Nunes Ferreira o PSD o PSDB tem a mesma base de eleitores que não votam no PT e que seria um suicídio fragmentar essa força ele diz mais... qual vai ser o nosso discurso se formos pra disputa com o PSD... nós vamos criticar o projeto começado pelo PSDB não faz nenhum sentido

Nesse segmento, a entrevistadora introduz uma digressão por meio dos marcadores discursivos “*olha inclusive*”, trazendo à tona um comentário do Jornalista Aluísio Nunes publicado no Radar *on-line*⁹ da revista Veja. Essa digressão tem o objetivo de prefaciar a pergunta que vem a seguir e, ao mesmo tempo, apoiá-la no discurso de autoridade da revista Veja.

Excerto 8

Entrevistadora deixa eu perguntar

[
Entrevistado foi

[
Entrevistadora deixa eu perguntar deixa eu perguntar

[
Entrevistado foi foi o deputado mais votado e não só o Bruno o André Matarazzo um grande nome o Zé Anibal é um grande líder o Ricardo Tripoli como é que se deve escolher um grande candidato? abre pra ah:: a maior participação... eu tava nos Estados Unidos Gabi... em dois mil e sete quando começou a primária... ah... no partido democrata a Hillary

9 Publicações disponíveis no site: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/>

Clinton e o Obama... então o que se dizia lá um ano e meio antes?... já tá escolhida a a Hillary Clinton é o *Stablistment* é a esposa do do Bill Clinton é senadora por Nova Iorque agora começou a primária e começaram os debates os temas... o quadro mudou totalmente e quando acabou a primária a campanha do Obama já tava pronta então eu defendo essa maior democracia interna porque ao invés de você escolher candidato no bolso do colete você deixa que o partido se manifeste... os filiados... vinte mil trinta mil ouça a sociedade... permita o debate... ontem à noite teve um debate importante entre os quatro éh:: pré-candidatos... discuta os temas da cidade pra isso que tem campanha eleitoral

Entrevistadora VOLTANDO ao Bruno Covas que ME parece é o seu favorito

No trecho acima, os interlocutores vinham discorrendo acerca do tópico “possíveis candidatos à prefeitura de São Paulo”. A entrevistadora, pretendendo tomar o turno e retomar o subtópico “preferência do entrevistado pelo candidato Bruno Covas”, usa a expressão “*deixa eu perguntar*”. Essa expressão confirma o distanciamento hierárquico entre os papéis sociais dos interlocutores, uma vez que expressa um pedido de permissão para perguntar. Tendo sua tentativa frustrada, ela retoma o subtópico por meio do enunciado “*VOLTANDO ao Bruno Covas que ME parece é o seu favorito*”. Além disso, a expressão modalizadora “*deixa eu perguntar*” configura-se como uma eficiente estratégia de abrandamento, pois a entrevistadora anuncia a introdução de um tópico, evitando, assim, uma possível reação negativa do entrevistado.

8. Considerações Finais

Nesta pesquisa, procuramos evidenciar alguns dos recursos linguísticos próprios da língua falada empregados pela entrevistadora para introduzir, retomar e fechar os tópicos em uma entrevista televisiva. Assim, as análises das falas do entrevistado também foram de extrema importância para avaliar em que medida contribuíram para a aceitação dos tópicos propostos, ou não, e como elas interferiram na dinâmica da relação interpessoal e na construção do quadro tópico.

Tendo em vista de que se trata de um programa de entrevista televisivo, ocorre um jogo interacional tripartido no qual os interesses nem sempre se alinham e, por isso, cada um dos jogadores tem seus próprios objetivos e intenções. Como o sucesso da audiência é medido pela engenhosidade do entrevistador nas estratégias utilizadas para a obtenção de respostas que preencham as expectativas, cabe a ele mediar a interlocução para tentar preservar/proteger sua própria imagem e a de seus interlocutores (entrevistado e audiência), permitindo, dessa forma, a sustentação do evento conversacional.

Por estarem os indivíduos em presença imediata nas interações verbais face a face, estas se constituem em espaços privilegiados para a construção de identidades, pois se tornam o lugar genuíno para a expressão de sentimentos, convicções, resistências, preconceitos, aversões, entre outras reações humanas.

Se, por um lado, a entrevistadora encontra-se num patamar de superioridade pelo papel conversacional que ocupa, o qual a coloca no direito de inquirir, por outro, temos como convidado um personagem ilustre, que representa um papel social de poder e que atua como um dos principais representantes de um grupo que participa da vida pública e cidadã. Vale considerar que esse enquadre, por si só, ancora o contexto numa

situação em que o status de superioridade representado pelo papel conversacional da entrevistadora acaba sendo neutralizado pelo status de superioridade representado pelo papel social do entrevistado.

A rigor, o entrevistador possui um papel fundamental no direcionamento do quadro tópico, pois estabelece condições que viabilizam o bom relacionamento entre os interlocutores e, assim, promove a condução do evento comunicativo de forma produtiva e conforme os propósitos pretendidos. Por meio das perguntas, o entrevistador pode, estrategicamente, introduzir ou retomar determinados tópicos, a fim de que o entrevistado se comporte de forma colaborativa.

Com o intuito de esclarecer fatos ou trazer informações reveladoras, a entrevistadora empregou as paráfrases, digressões e repetições para que o entrevistado desenvolvesse, de forma colaborativa, os tópicos propostos. O entrevistado, por sua vez, interagiu, ora aceitando e desenvolvendo os tópicos propostos, ora declinando de alguns que, eventualmente, poderiam colocar sua autoimagem positiva em vulnerabilidade.

Vale ressaltar, também, que existem perguntas que podem ser utilizadas para simplesmente estabelecer contato e manter a progressão tópica, e outras que são mais invasivas e expõem a imagem dos interlocutores. Essas estratégias constituem, portanto, meios eficientes no monitoramento do quadro tópico e servem para indicar a orientação argumentativa do texto, que dependendo da intencionalidade, podem preservar a imagem dos interlocutores ou colocá-los em situação desfavorável.

REFERÊNCIAS

- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BUENO, C. M. O. *Entre-vista: espaço de construção subjetiva*. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- BURGO, V. H.; STORTO, L. J.; GALEMBECK, P. de T. O caráter multifuncional dos marcadores conversacionais de opinião “Eu acho que” e “I think” na fala dos presidentes Lula e Obama. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 289-312, jul./dez. 2013.
- CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. 7. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHAFE, W. L. The Analysis of discourse flow. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi. *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell Publishing, 2003, p. 673-687.
- DOURAN, C. L. M. *Introdução e retomada de tópicos em entrevista televisiva*. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UFMS, Três Lagoas, MS.
- FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de Textos Oraís*. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 1997, p. 33-54.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASILIO, Margarida (Orgs.) *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/FAPESP. Vol IV. Estudos Descritivos, 1996, p. 473-508.
- _____. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

- GOFFMAN, E. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania. 1981.
- _____. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HILGERT, J. G. Parafraseamento. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I. G. V. (Org.) Gramática do Português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 275-299.
- JUBRAN, C. S. (Org.) A construção do texto falado: gramática do português culto falado o Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Análise da Conversação. Tradução de: Carlos Piovezani Filho. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S. e KOCH, I. G. V. (Org.) Gramática do Português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp: 2006, p. 219-254.
- _____. Análise da Conversação. 6. ed., v. 82. São Paulo: Ática, 2007 (Série Princípios).
- PRETI, D. (Org.) Análise de textos orais. 6ª Ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP (Projetos Paralelos). Vol. 1. 2003.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, 50 (4), p. 696-735, 1974.
- URBANO, H; FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.) Gramática do português falado. 2ª ed. Campinas: Unicamp/FAPESP. Vol III. As Abordagens. 1996, p. 75-98.
- YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.